



TEATRO BRINQUEDO  
 JOÃO SINHO ANDA pra TRÁS  
 DE BRASÍLIA PARA O RECIFE  
 TIO JUCA  
 Nos intervalos de cada espetáculo, TIO JUCA está divertindo as crianças do Recife, com um mundo de atrações: BRINDES! SORTEIOS! CONCURSOS!

TEATRO SANTA ISABEL  
 Setembro de 1957  
 ALFREDO DE OLIVEIRA apresenta O MEDROSO  
 peça em 3 atos, original de Gracy Mello, com diálogos de Miroel Silveira pelo

# TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

ela de Belém  
 SA HASBUM  
 classe  
 0-1.º andar

AQUARIUS  
 Ce  
 DE MARILU ALVAREZ  
 DIREÇÃO: JOSÉ MA  
 TEATRO DE SANTA ISABEL  
 gráfica Penafra  
 APOIO: MINISTÉRIO DA CULTURA - INSTITUTO NACIONAL DE

Teatro MARROCOS  
 ÚLTIMA SEMANA  
 Companhia Internacional de Marionetas HOJE  
 às 20,30, Soirée  
 Vespertal às 16 hs.  
 VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO INTERNACIONAL  
 MAIS ORIGINAL ESPETÁCULO DE CRIANÇAS DO MUNDO !!!  
 QUINTAS E SÁBADOS VESPERTAIS ÀS 16 HORAS  
 AOS DOMINGOS  
 VESPERTAL ÀS 16 HORAS

# TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

Incentivo:

 FUNCULTURA

 FUNDARPE  
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE  
PERNAMBUCO

Secretaria de  
Cultura



**PERNAMBUCO**  
GOVERNO DO ESTADO



Este trabalho tem a pretensão de salvar de uma certa morte parte da história teatral para crianças no Recife, reunindo momentos lúdicos, intensos, belos, equivocados, dramáticos e corajosos de tantas vidas. A começar daqueles que deixaram rastros de uma memória mínima, colhida em matérias de jornal ou raros programas de espetáculos. Por simplesmente terem tentado fazer algo com imaginação, coragem, respeito e amor à infância, ainda que alguns nem expressem tanto em suas produções, meu desejo é que nas linhas desta pesquisa continuem a existir ou simplesmente resistir ao esquecimento.

Recife, dezembro de 2013.





Agradeço aos que fazem o Funcultura, Arquivo Público Estadual de Pernambuco e a todos os artistas que me ajudaram com informações ou material de seus acervos. Dedico esta pesquisa a minha mãe, Luzinete de Castro Ferraz, que cultivou minha infância com tamanho zelo, e, em memória, a alguns amigos do teatro que estariam bem felizes com a conclusão de tamanha empreitada, Marco Camarotti, Luiz Souza, Carlos Salles e Bobby Mergulhão.

**Leidson Ferraz**

Ator, jornalista e pesquisador teatral





## **Ficha técnica**

### **Texto, pesquisa, organização, edição e proponente cultural**

Leidson Ferraz

### **Assistentes de pesquisa**

Denni Sales

Elivânia Araújo

Mônica Maria

### **Revisão**

Leidson Ferraz

Rodrigo Dourado

### **Projeto gráfico e diagramação**

Claudio Lira

### **Coordenação administrativa**

Laurecília Ferraz

Nenhuma matéria jornalística está aqui reproduzida na íntegra, tendo todas as suas fontes, sem exceção, devidamente registradas, como respeito ao direito autoral das mesmas.

Este material é totalmente gratuito, não sendo permitida sua comercialização.

Contato: [leidson.ferraz@gmail.com](mailto:leidson.ferraz@gmail.com)



# ANOS 1940

# E

quando não lançava nenhum espetáculo novo para crianças, Valdemar de Oliveira dedicou parte do seu tempo para escrever mais duas obras infantis, além de aprimorar *A Princesa Rosalinda*. Em 25 de fevereiro de 1940, às 10 horas, e sob os auspícios do interventor Agamenon Magalhães, do prefeito Novaes Filho e do Serviço Nacional de Theatro (instituição federal criada em 21 de dezembro de 1937), o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa finalmente voltou à cena no Teatro de Santa Isabel, “bastante aguardado pelo público”, como lembraram os jornais. O retorno aconteceu com a inédita revista infantil *Terra Adorada*, escrita, musicada e dirigida por Valdemar de Oliveira, também na regência da orquestra. Nos 2 atos e 8 quadros, além de “19 belíssimos números de música!” e “luxuoso guarda-roupa!”, como ressaltavam os anúncios da época, vinte e um componentes participavam, na sua maioria crianças e adolescentes, com presença mínima de adultos.

O enredo mostra um grupo de meninos que, a bordo do Zepelin, faz um passeio por vários países até retornar ao Brasil, “onde não há nada melhor”. Os cenários de Álvaro Amorim, com



Terra Adorada

representações de ambientes na Europa, China e América do Norte e Sul, ganharam destaque à parte. No elenco, Luízinha de Oliveira (Mimi), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Maria), Luísa de Oliveira (Mamãe), Neir Rotman (do Conservatório Pernambucano de Música, nos papéis de Anjo, Hungria, Escandinávia), Ligia Reis (Serva Chinesa, Venezuela, Holanda), Terezinha Oliveira (Serva Chinesa, Colômbia), Elza Rotman (Suíça, França), Anita Dimenstein (América, Argentina, Ping-Li), Valter Dimenstein (Balkans, Brasil, Pong-Fo), José de Aguiar (Alemanha, Peru, Século XX), Rômulo Paiva (Marinheiro, Modinha, Chile, Inglaterra), Paulo Bezerra (Marinheiro, Uruguai), Iracema Diniz (Portugal, Samba), Maria Celeste (Plin-

-Plin-Tchim, Finlândia), Caldas Araújo (Rússia), R. Priston (Marte), Maria do Carmo Cavalcanti (Bélgica, Serva Chinesa), Dunalva Tavares de Moraes (Espanha, Bolívia, Frevo), Moacir Diniz (Marinheiro, Equador) e Antonio C. Almeida e Terezinha Fonseca (Dançarinos Húngaros).

Por sua atuação no papel de Mimi, uma boneca que acompanha os garotos pelo tour mundial, Luizinha de Oliveira, filha da atriz Luiza de Oliveira, integrante de longa data no Grupo Gente Nossa e também em cena nesta montagem, ganhou destaque no jornal *Folha da Manhã* (9 de março de 1940):

Luizinha sobressaiu-se no elenco de "Terra Adorada". Prendeu a atenção do publico na encarnação da "boneca", o papel que lhe foi confiado, o mais difícil papel da revista. Saiu-se com graça e inteligencia, conduzindo-se de maneira impressionante. Aliás todos que tomaram parte na revista representaram muito bem deixando a melhor impressão. Mas, o que aconteceu com Luizinha foi a natureza do papel, que exigia mais do que os outros a presença de uma artista. E a menina correspondeu o maximo do que se esperava. Movimentou-se em scena como uma artista experimentada, desembaraçando-se das situações difíceis com espontaneidade. Via-se na menina a revelação de uma grande artista de futuro, que trouxe do berço a verdadeira vocação pelo teatro. E é nessas revelações que está toda a importancia do teatro infantil.

A repercussão de *Terra Adorada* foi tamanha, que a peça até foi assistida, em vespéral, pelos chefes dos governos dos estados nordestinos em homenagem especial aos interventores federais, além de contar com a presença "de altas autoridades do Estado, figuras destacadas do nosso meio social", conforme o jornal *Folha da Manhã*



Terra Adorada

(2 de março de 1940). Sobre a montagem, o interventor de Pernambuco, Agamemnon Magalhães, escreveu para a Rádio Clube de Pernambuco e *Folha da Manhã* (12 de março de 1940):

Recife, com o Theatro Infantil de Waldemar de Oliveira, tem tido horas de emoções delicadas. Horas de emoções altas. A sua peça – "Terra Adorada" é um primor de arte. Arte que fixa a inquietação da creança no seculo XX, dando realidade ao sonho do menino, em quem o Zeppelin despertou a curiosidade de conhecer o mundo. A imaginação infantil desdobra-se, então, em maravilhas de scenas através dos paizes da Europa e do Oriente, surprehendendo a attitude ingenua das creanças, que representam com travessura e inteligencia. A musica sacode o scenario com as notas dos climas das nações, que o Zeppelin, cheio

de meninos, visita. Correm o mundo e voltam as creanças loucas pelo Brasil. Loucas pela Terra Adorada, com as suas praias, os seus coqueiros, as suas acacias, os seus passaros, as suas arvores frutíferas, o céu claro, o clima igual, a musica, os typos regionaes a alegria, a fartura e a paz. Sente-se que os meninos viram no velho mundo o que as creanças não gostam de ver, nem de sentir. A exasperação, o sofrimento, sentimentos estranhos e desconhecidos num paiz cheio de espaços, num paiz grande e tranquillo como o Brasil. (...) Waldemar de Oliveira está de parabens. (...) Não sei de acontecimento mais original, nem mais edificante, nos annaes do theatro brasileiro.

No domingo 5 de maio de 1940, também às 10 horas, voltou à cena *A Princesa Rosalinda*, ainda sob os auspícios do Serviço Nacional de Theatro, do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho. Apresentada como opereta pela imprensa e como “luxuosa revista” em seu programa, a montagem foi reformulada para melhor, com elenco onde se mesclavam antigos e novos integrantes. **Permaneceram nos mesmos papeis: Anita Dimenstein (Princesa), Valter Dimenstein (Príncipe), ambos integrantes do casting da P.R.A.-8; Paulo Bezerra (Tenente Paulo); Maria Lia Faria (Dançarina), Reinaldo de Oliveira (que passou do papel de 1º Menino para o Rei nesta nova versão) e Valdemar Rodrigues Filho (agora não mais o 3º, mas apenas Menino).** Como novatos no elenco (inclusive, com alguns dos pais das crianças sendo divulgados na imprensa), Amparo Oliveira, Elza Rotman (1ª e 2ª Menina), Maria Celeste Ceres Trindade, Iracema Diniz, Cloris Passos (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Nair Rotman (Fada), Luizinha de Oliveira (Juanito); Janice Cantinho Lôbo (Romeu), Anneliese Cantinho Shar (Julieta), Rômulo Paiva, Clóvis Passos e Moacir Diniz (1º, 2º e 3º Oficial), além de Luiza de Oliveira (Avó), única adulta.



A Princesa Rosalinda

No dia da estreia, o *Jornal do Commercio* (5 de maio de 1940), além de destacar “Novos Interpretes – Novos Scenarios – Novas Marcações – Nova Orchestração – Nova Montagem – Novos Numeros de Musica”, deu mais detalhes sobre as alterações ocorridas:

A partitura de “A princesa Rosalinda” foi enriquecida com varios numeros de musica, como sejam o “Bailado de Romeu e Julieta”, a “Marcha dos soldadinhos”, o “Decimino de officiaes e damas” e a “Marcha Nupcial”, tendo sido a orchestração escripta por Carlos Diniz. Novos scenarios foram feitos pelos scenogaphos Alvaro Amorim e Mario Nunes, tendo sido repintado o grande scenario de scenoplastia que servirá para os aposentos da princesa e para o grande salão real. Estes dois scenarios apresentarão



um rigor de montagem ainda não assinalado, em peças do genero em Pernambuco. As marcações estiveram, em grande parte, a cargo de Walter de Oliveira, sendo todo o guarda roupa, novo. A orchestra, que se acha sob a regencia do autor da partitura, se compõe de 12 figuras, devendo ter inicio o espectáculo ás 10 horas, com distribuição de biscoitos Aymoré aos petizes.

De passagem pelo Recife e após assistir ao espetáculo, Gama e Silva, delegado especial da Sociedade Brasileira de Autores Theatrais (SBAT), escreveu a Valdemar de Oliveira carta que foi publicada no *Jornal do Commercio* (16 de junho de 1940):

Você, com toda a simplicidade de seu terno branco de nortista, sem batuta, como Stokowski, rege a orchestra em cuja composição surprehendo valores que honrariam qualquer orchestra do Rio de Janeiro ou de São Paulo. (...) Luisa de Oliveira, metida na pelle de uma avozinha, tem na voz, toda a melodia de uma authentica "grand mère": e, com toda a doçura, conta a seus escolares netinhos: *era uma vez...* Dahi em deante, é o Imperio da Gente Miuda. Meninos e meninas tomam a serio os seus papeis, tem-nos "na ponta da língua". (...) A menina que desempenha o papel de Princesa é um encanto. Melodia na voz quando declama, atitudes delicadas quando representa, meiguice em todas as situações; exactamente como convem a uma princesa de contos de fada. Que elegancia, que brejeirice de quasi authentica "souhrette" na Dama-zinha de Honra da Princesa que tagarella e reclama por tudo e por nada; a desenvoltura, a graça, a "sams façon" da Luisinha, essa alhozinho que confir-

ma que filha de peixe sabe nadar; o menino que desempenha o papel de Rei (pequeno no tamanho, grande nas atitudes); aquella bonequinha gaiata e brejeiríssima de olhos negros e cabellinhos louros, encaracolados, que com sua vozinha de passarinho, dentro de uma das rosas, canta ou pipilha qualquer coisa de celestial e que no final da peça tão maliciosamente faz commentarios e espia pelo buraco symbolico da fechadura... (...) admiravel, commovedora! (...) E, depois de cerca de cincoenta minutos no pais dos sonhos e das emoções, desce o panno sob vibrantes palmas do theatro superlotado.

Os elogios renderam diversos outros textos publicados nos jornais. No total, *Terra Adorada* e *A Princesa Rosalinda* foram apresentadas 21 vezes no ano de 1940, isto sem contar o "festival da pequena Maria Celeste, com a collaboração de outros elementos do theatro infantil do Grupo Gente Nossa, que interpretaram *O chefe político* e um acto de variedades", conforme o *Jornal do Commercio* (21 de abril de 1940). Em julho daquele ano, Valdemar de Oliveira viajou ao Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, para negociar, junto ao Serviço Nacional de Theatro, a ida dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa para o Theatro Carlos Gomes, com cerca de 25 crianças acompanhadas por seus respectivos responsáveis, "cujos pais às vezes davam mais trabalho do que elas", desabafou no livro *Mundo Submerso* (1985, p. 129). O desejo desta viagem incendiou-o quando soube de um espetáculo infantil realizado pela Associação Brasileira de Críticos Theatrais, no mesmo Theatro Carlos Gomes, sob coordenação de J. Palhano e Olavo de Barros. Ele pensou, então, numa possível confraternização da sua equipe com os colegas cariocas. A ideia foi bem recebida pelo diretor do SNT, Abbadie Faria Rosa.





Terra Adorada

Na imprensa, tanto do Rio quanto do Recife, Valdemar chegou a anunciar que estava programando a viagem para dezembro, por conta das férias escolares do seu elenco. Além de tecer elogios aos governantes pernambucanos por o apoiarem, em entrevista ao *Jornal do Commercio* (14 de julho de 1940), ele reforçou a importância de mais ações como esta:

É preciso que os poderes públicos encarem, decididamente, o teatro, como um factor pedagogico de primeiro plano. E corram em auxilio desses idealistas que se abalançam a realizar, no Brasil, coisa comezinha em qualquer nação civilizada. Não é outra coisa que vêm fazendo o interventor Agamemnon Magalhães e o prefeito Novaes Filho – as mais altas autoridades do meu Estado – pres-

tigiando, de todos os modos, o Grupo Gente Nossa e, com elle, a sua secção mais interessante – o teatro infantil.

Mas, infelizmente, o projeto de levar espetáculos ao Rio de Janeiro com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa ficou somente no desejo. No Recife, por conta da temporada de um mês da Companhia Renato Vianna no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira foi obrigado a parar as atividades do seu grupo teatral infantil que, em agosto, anunciou como provável próxima montagem *Nos País dos Gulosos*, peça de Juanita Machado e Filgueira Filho, com música de Nelson Ferreira, algo que não vingou. Também foi divulgada no *Jornal do Commercio* (6 de outubro de 1940) a possibilidade de novos ensaios para a revista cívica *Terra Adorada*, "inteiramente remodelada e que deverá ser a peça de estréia do referido conjunto no Theatro Regina, do Rio, em dezembro proximo", inclusive com a professora Yara Coustol contratada para aulas de dança e ensaios dos novos "bailados". Mas este projeto também foi abortado. No entanto, outras produções à infância apareceram.

No final de outubro de 1940, com até três sessões diárias no Teatro de Santa Isabel, em matinal, vespéral e sarau (nestas últimas, crianças acima dos doze anos podiam entrar), as marionetes da companhia italiana Os Piccoli di Podrecca, criada em 1914, fizeram sucesso no Recife. Na temporada, 30 récitas realizadas, com casa sempre cheia. Em dezembro, com o Teatro de Santa Isabel também lotado, voltou à cena a revista cívico-escolar *O Sonho de Yara*, de Cândido Duarte, como término das atividades letivas da Escola Normal Pinto Júnior, com sessões nos dias 21 e 29. Já no dia 22 de dezembro de 1940, às 20 horas, foi a vez de um festival artístico promovido pelo Collegio Pestalozzi, intitulado *Festa de Celia e Sylvia*, nome de duas crianças orfãs. Na ocasião, foi apresentada a revista *Coisas do Meu Brasil*, de autoria



Coisas do Meu Brasil

da senhora Maria Elisa Viegas, que já havia sido levada à cena cinco vezes em 1937, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro e contando com partitura musical do maestro Nelson Ferreira, que regeu a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Propagou o jornal *Folha da Manhã* (21 de dezembro de 1940):

Não é apenas uma revista em que predomina a beleza de nossa musica, a beleza de nossas creanças mas uma verdadeira aula. Uma aula completa de nossa grandeza em todos os setindos (sic) da criação. Uma aula de Geografia ministrada por creanças que bailam, cantam e encantam.

No elenco, 120 crianças não só do Collegio Pestalozzi, mas também da Escola de Declamação. O espetáculo teve como patrona a senhora Antonieta Magalhães e a direção artística foi assumida pelo ator Raul Phyrstron. Ainda em 1940, também há registros de outras produções para crianças no mesmo Teatro de Santa Isabel. Uma pelo Grupo Escolar Maciel Pinheiro (com números variados); e *A Gata Borralheira*, pelo Instituto Recife, no dia 1 de dezembro. Segundo o ator Geraldo Carvalho em entrevista a esta pesquisa (17 de março de 2013), que viveu o anão Zangado na peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Gremio Scenico Espinheirense, com oito anos na época; e atuou nesta versão de *A Gata Borralheira* como o Mordomo, aos nove anos, a

direção do espetáculo foi confiada a Oswaldo de Oliveira, diretor convidado do Rio de Janeiro pela diretora do Instituto Recife, a senhora Eulália Fonseca. Ainda segundo ele, a montagem foi apresentada uma única vez, no horário noturno das 19 horas, e também constavam no elenco, entre outros, Aldir Maia, Gilma Maia, Maria Albertina Ferreira de Almeida, Antônio Carlos Ferreira Coelho de Almeida, Theresinha Ferreira e Theresinha Fonseca, estas últimas, respectivamente, nos papéis de Rainha e da Gata Borralheira.

Curiosamente, no mesmo teatro, apresenta-se uma outra versão de *A Gata Borralheira* no dia 19 de dezembro, pelo Colégio Anchieta. No total, segundo retrospectiva do ano publicada pelo *Jornal do Commercio* (19 de janeiro de 1941), foram contabilizados 28 espetáculos infantis no Recife em 1940, além de uma conferência sobre o tema com dois renomados professores, diretores do Theatro Educativo do Rio de Janeiro:

Estiveram em visita ao Recife, a senhora Maria Rosa Ribeiro e o professor Eustorgio Wanderley, destacadas figuras dos círculos educacionais da metrópole. Aqui realizaram uma festa de arte, tendo a senhora Maria Rosa Ribeiro lido, no Instituto Moderno uma conferência sobre Theatro Infantil, a que se seguiu a inauguração do busto de Samuel Campello, naquele educandário.

Vale destacar também a organização de conjuntos teatrais infantis nas cidades de Timbaúba, Garanhuns e Palmares, no interior pernambucano, além de Olinda. Nesta última, por exemplo, no dia 10 de novembro de 1940, o Salão Pio X foi palco para a opereta infantil *No Reino dos Cahetes*, de Hélio Monte, baseada na história de Olinda antiga, contando com 33 crianças alunas do Grupo Escolar Duarte Coelho e regência

de Lafayette Lopes. A realização foi confiada ao departamento infantil do Núcleo Theatral Getúlio Vargas, equipe olindense que, além de produções para adultos, também dava atenção à criançada. Quanto ao Grupo Gente Nossa, no Recife, além de comemorar um ano bem mais proveitoso do que 1939, Valdemar de Oliveira já tinha novos planos para o seu Teatro Infantil em 1941.

No dia 23 de março de 1941, um domingo, às 15 horas, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa estreou mais um novo espetáculo: *Em Marcha, Brasil!*, em dois atos e 30 números musicais, com direção e regência de Valdemar de Oliveira, denominada por ele de grande revista cívico-escolar, com um objetivo claramente didático aliado ao aspecto patriótico, comum a quase todas as manifestações que envolviam a mocidade da época, como lembra o pesquisador Fernando de Oliveira, um dos atores a integrar aquele elenco ainda adolescente, no artigo *Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco* (disponível em: [www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm](http://www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm). Acesso em: 11 de novembro de 2011). O espetáculo trazia uma orquestra com quatorze destacados professores, a grande maioria ligada à Rádio Clube de Pernambuco, entre eles, Nelson Ferreira ao piano, além da participação da banda de clarins e uma patrulha da Associação Pernambucana de Escoteiros. Eram 48 pessoas em cena, quase todos meninos e meninas (há matéria de jornal que traz os nomes dos pais de cada um, como para provar que eram filhos de boa família), com presença de poucos adultos.

Pela ordem de entradas em cena (e ainda seguindo a escrita do programa):

to e Silva (no papel de Luis), Maria José Coutinho (Lucia), Lenira Vilaça (Carmen), Reinaldo de Oliveira (Pedro), Ceres Trindade (Josefa), Cloris Passos (Mamãe), Valter Dimenstein (Papai),



Anita Dimenstein (Professora), Carminha de A. Melo (Lilita), Luis Carlos F. Castro (Jorge), Anelise Cantinho Sheer (A, 7, Borboleta), Tania Maruschka (B, O, Zero, Beija-Flor), Janice Cantinho Lobo (C, I, 9, Borboleta), Terezinha Guimarães (M, 2, Beija-Flor), Terezinha Lobo (E, 3, Agua), Lisieux Gomes Pereira (U), Iluminata Tavares (B, 4, Planta), Clara Tabatchnik (R, 5, Nuvem), Rosalinda Adler (S, 8), Palmira Pereira (L, P), Nicéa Veloso da Silva (1), Leda Vilaça (6), Carlos Roberto (Sinal de Adição), Otavio Lobo (Sinal de Subtração), José Cavalcanti (Sinal de Multiplicação), Valdemar Rodrigues Filho (Sinal de Divisão), Fernando de Oliveira (Sinal de Igualdade), Maria Lia Faria (Natureza), Nair Rotman (Sol), Elza Rotman (Nuvem), Edissa Bancovsck (Planta), Lucia Tavares (Planta), Marinetti N. Pereira (Planta), Ana Maria Lobo (Beija-Flor), Marlena Campos (Beija-Flor), Rivaldo Veloso da Silva (Pe-

dro Alvares Cabral), Moacir Ferreira (Índio), José Cavalcanti (Jesuíta), Iracema Ferreira (Mãe Preta), Clovis Passos (Colono) e José Maria Soares (Escoteiro Chefe).

Ainda na ficha técnica, Walter de Oliveira como diretor de cena; Abelardo Cavalcanti como ponto; Francisco Miranda, contrarregra; José Barros e João Alves como maquinistas; e Aníbal Mota, eletricitista (como se denominava antigamente o iluminador). O “bailado” do 9º quadro – eram 17 no total – foi ensaiado pelo casal de bailarinos argentinos Lídia Morel e Raul Celada. No cenário, reproduções de telas dos pintores Baltazar da Câmara, Mário Nunes, Álvaro Amorim e Carlos Amorim. A montagem, de caráter assumidamente didático, contava com os seguintes quadros em sequência: *Higiene Matinal*, *O Café*, *Lição de Leitura*, *Lição de Música*, *Lição de Ciências Físicas*, *Chuva de Bolas*, *O Recreio*, *Lição de Aritmética*, *Lição de História Natural (Bailado)*, *Descobrimiento do Brasil*, *Primeira Missa no Brasil*, *Batalha dos Guararapes*, *O Grito do Ipiranga*, *A Batalha do Riachuelo*, *A Proclamação da República*, *Os 18 de Copacabana* e *Apoteose Final*. No intervalo, houve sorteio, entre as crianças da plateia e do palco, de dois livros de literatura infantil ofertados pela Companhia Editora Nacional.

O trabalho foi recebido como um novo grande êxito (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título “Em Marcha, Brasil! – Novo grande êxito de Waldemar de Oliveira”):

(...) Valdemar de Oliveira, vez por outra, nos oferece momento agradável, trazendo á ribalta do *Santa Isabel* uma pleiade de crianças por demais inteligentes e alegres. Daí, o resultado benéfico de surgirem (...), as vocações precoces do nosso teatro. E o número não tem sido

pequeno. Entretanto, a finalidade principal deste gênero teatral, entre nós, tem sido, graças a Deus, de ordem educativa. Pensando assim, Valdemar de Oliveira fez encenar, ontem, a revista infantil de sua autoria *Em marcha, Brasil!* (...) uma grande aula de civismo e brasilidade. Começa com a higiene matinal dos seus alunos e termina com a apoteótica cena, onde surgem o branco, o índio, o jesuíta, o negro e o colono – elementos de formação da nossa nacionalidade. O quadro “Lição de História Natural” é o mais sumtuoso e original. Os bailados são feitos com apurada arte. Estes foram estudados sob orientação do casal de bailarinos argentinos Lídia Morel-Raul Celada. Outro quadro sugestivo é a “Lição de música”, onde ressalta um feliz efeito de luz. Os painéis históricos, e as marcações de “O meu Brasil” e “Pernambuco” fizeram vibrar de entusiasmo a plateia, na sua maioria adulta. Cenários apresentáveis, rico guarda-roupa, marcação sem deslize e interpretação segura e agradável foram outros motivos do sucesso da peça.

Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som, no Recife, no dia 21 de janeiro de 1975, Valdemar de Oliveira destacou o trecho mais aplaudido da sua montagem:

É que tratava-se de uma lição de Português. Surgiam inicialmente as cinco vogais (...), e logo depois surgiam cinco consoantes. E elas começavam então, dentro da música, uma marcação interessante, e de repente, quando menos se esperava, elas todas que traziam diante do peito uma letra determinada, elas todas, colocadas em fila, lia-se “Oh, meu Brasil”, justamente formadas pelas cinco vogais e pelas cinco consoantes. E o público vinha abaixo, como se costuma di-



Em Marcha, Brasil!

zer. O agrado era geral, mas logo a música transpunha terça acima e três dessas moças (...) habilmente mudavam a letra que traziam, e quando o público esperava ler novamente "Oh, meu Brasil", saía Pernambuco. Aí a plateia vinha abaixo num entusiasmo único. Nós levamos essa música tantas vezes que ela acabou se constituindo num espécie de hino do Teatro de Amadores de Pernambuco.

No livro *O Palco da Minha Vida* (2013, p. 27-28), Reinaldo de Oliveira lembrou sua participação:

Na 'Em Marcha Brasil', fazia o aluno Pedro pois tudo era ensinamento para a garotada com aulas de Ciência, História, Geografia, Matemática, Música e Botânica. O término do segundo ato da peça incluía a queda de centenas de bolas de

gás, coloridas, de cima, do lustre do Santa Isabel, até a plateia que ficava em alvoroço para colher algumas delas e levar para casa. Hoje é comum se decorarem festas com milhares de bolas mas, naquele tempo, era difícil se conseguir alguma. (...) Ainda me lembro da letra que cantava, a plenos pulmões infantis, juntamente com o elenco: *Lá vêm as bolas caindo, eita verde e vermelha. Oi meninada aproveita, oi meninada aproveita. E tem de todas as cores, cor do céu e do mar. Cor de todas as flores, pra você se contentar.* Era um delírio total. O Teatro Infantil preparou as gerações do futuro que se haveriam de empolgar com o ambiente teatral pernambucano (...) Eu me considero um discípulo de tudo isso, um aluno aplicado que aprendeu, bem, as lições.

Não é de se estranhar esta valorização ao aprendizado no projeto para a infância de Valdemar de Oliveira. Ele encarava o teatro como uma verdadeira escola e o incentivava principalmente como prática nos colégios e cursos particulares. Tanto que chegou a declarar, segundo mais um documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de data, mas com o título "O Que Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil":

A prática do teatro exercita a criança a ler e mais claramente a falar. Falar certo, respeitando as inflexões justas e obedecendo a pontuação. Vícios de linguagem são combatidos; defeitos de articulação se corrigem; controlam-se maus hábitos vocais; disciplina-se a emissão de voz, valoriza-se a palavra, exercita a atenção, sempre alerta às múltiplas oportunidades da ação cênica, revigora a memória, no curso da fixação mental dos textos, cultiva a vontade, preocupada com o melhor rendimento intelectual, aperfeiçoa

Em Marcha, Brasil!



o raciocínio, no jogo das associações de ideais. Além disso o senso da responsabilidade acorda, o espírito de colaboração se faz sentir na composição dos conjuntos. E outras virtudes morais são cultivadas: a pontualidade nos ensaios, a seriedade nas interpretações, o trabalho de equipe no levantamento da montagem, tudo devendo ser feito, sob as ordens de professores especializados. Uma escola de teatro para criança não tem como objetivo único formar atores e atrizes, como a educação física não é formar atletas e acrobatas. É, sem que a criança sinta, instruir e educar, formar caracteres, erguer personalidades, rasgar horizontes, prender o espírito infantil à sua terra, pelo amor à sua natureza, pelo entusiasmo por sua história, pelo cultivo das boas tradições. Em seu significado mais amplo, o teatro infantil é uma iniciação à beleza, um culto à verdade e um convite à imaginação – a imaginação sem limite com que a criança percorre o seu reino maravilhoso.

A estreia de *Em Marcha, Brasil!*, o último dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, aconteceu menos de quinze dias antes do lançamento da peça adulta *O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina*, de Jules Romains, que

Valdemar de Oliveira dirigiu como proposta para celebrar o centenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com estreia em 5 de abril de 1941, no Teatro de Santa Isabel. Reunindo médicos e as esposas destes, numa atitude ousada que rompeu preconceitos principalmente referentes às mulheres que se dedicavam ao teatro, a renda líquida das duas únicas apresentações (a 2ª aconteceu em 24 de abril) foi revertida para a construção da nova sede da instituição. Diante da resposta positiva de público e crítica, este espetáculo deu a Valdemar de Oliveira a certeza de lançar um núcleo somente de amadores adultos, algo firmado na montagem seguinte, *Primerose*, de Robert de Flers e Gaston-Arman de Caillavet, com estreia em 14 de junho de 1941, já assinada pelo Teatro de Amadores, departamento autônomo e amador do Grupo Gente Nossa. Somente a partir de 1944, já independente, este núcleo assumiu-se definitivamente como o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP).

Com caráter sempre filantrópico e renda líquida revertida para instituições de caridade, Valdemar de Oliveira começou, assim, a longa trajetória do seu novo grupo amadorista, uma das razões para ele ter desistido de suas produções para crianças, devido a tantos compromissos com o repertório adulto, em consonância com a falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, muito à mercê das temporadas das companhias



Confraternização do Teatro Infantil  
do Grupo Gente Nossa

visitantes. O intrigante é que, paralelamente às sessões de *O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina*, o espetáculo *Em Marcha, Brasil!* consagrou-se naquele ano, totalizando oito apresentações de casa cheia. Saiu de cena por pura falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, que passou a ser ocupado pela companhia do ator Delorges Caminha, abrindo temporada com *Yayá Boneca*. O jornal *Folha da Manhã* (19 de abril de 1941) pontuou:

Apesar do grande sucesso que vem registando (sic), esta peça será ainda este mês retirada do cartaz, pois a 1.º de maio estreiará, no Santa Isabel, uma companhia de comédias que procede do sul e que ali levará a efeito uma temporada. As quarenta crianças que tomam parte no espetáculo apresentam luxuoso guarda roupa e desincumbem-se dos seus papéis de modo que têm merecido francos elógios. “*Em Marcha, Brasil!*”, é uma peça de fundo nitidamente educativo e que contém diversos ensinamentos, destacando-se os de História do Brasil e os de Botânica, sendo, nesta parte, apresentado o bailado das plantas, em que funcionam, simultaneamente, quatro alçapões. No espetáculo de amanhã, como de hábito, serão distribuídos brindes e sorteados livros infantis, entre a criançada presente.

Mesmo à frente de cinco produções adultas naquele ano de 1941, Valdemar de Oliveira (além de *O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina* e *Primerose*, ele dirigiu também *Uma Mulher Sem Importância*, de Oscar Wilde, com estreia em 26 de julho; *O Processo de Mary Dugan*, de Bayard Weller, estreada em 11 de outubro; e *Por Causa de Você*, de Silvano Serra – pseudônimo do pernambucano radicado no Ceará, Joaquim Gomes Filho –, com estreia em 25 de dezembro, na cidade de Fortaleza) ainda anunciou o desejo de montar novo trabalho pelo Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, sem revelar qual seria a obra dos autores escolhidos, Coelho de Almeida e João Valença, “uma peça de costumes sanjoanescos”, segundo o *Jornal do Commercio* (27 de abril de 1941), mas o grupo chegou ao fim. Uma das justificativas, várias vezes lembrada nos jornais, era a dificuldade em ensaiar tantas crianças e encenar as peças em outro palco que não o do Teatro de Santa Isabel, já que era necessário aproveitar os intervalos entre as temporadas teatrais das companhias sulistas para aparecer.

A última ação do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa em 1941, foi uma festa para celebrar o êxito das oito representações de *Em Marcha, Brasil!*, ainda em maio. Primeiramente, o elenco seguiu em bonde especial para conhecer as dependências da Escola Rural Modelo, inclusive o pavilhão de escoteiros, sendo recebido



por alunos e professores. Voltando ao Teatro de Santa Isabel, no salão nobre, houve lanche e distribuição de brinquedos e brindes oferecidos pelas empresas Carlos de Brito & Cia., Fábrica Pilar, Renda Priori, Cia. Fratelli Vita e Companhia Santa Clara, além de agradecimento especial à Associação Pernambucana de Escoteiros. Ao final, Valdemar de Oliveira revelou o movimento financeiro do grupo, suas despesas – sem pagamento a qualquer diretor do Grupo Gente Nossa – e fez doação da renda líquida para o Pavilhão Provisório de Menores. “A festa de domingo, á qual compareceram mais de 50 crianças, deixou a melhor impressão, sendo grande a animação dos presentes pelas futuras realizações do Theatro Infantil”, registrou o *Jornal do Commercio* (25 de maio de 1941). Entre outubro e novembro de 1942, seis novas sessões de *Em Marcha, Brasil!* foram agendadas no Teatro de Santa Isabel, totalizando quatorze récitas. E o grupo terminou sua trajetória ali.

Somente em outubro de 1944, uma de suas peças infantis, *A Princesa Rosalinda*, voltou a ser lembrada quando o *Jornal do Commercio* (8 de outubro de 1944) noticiou o desejo do departamento infantil do Teatro Escola do Amazonas, composto por “diversos amadores da sociedade local” e tendo à frente o dr. Gebes Medeiros, de levar à cena esta opereta, com o autor convidado a assistir sua estreia. Mas tudo faz crer que a montagem não aconteceu, até porque Gebes Medeiros seguiu para São Paulo em 1945 e não há nenhuma referência a esta peça no repertório do grupo, como atesta o livro *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968)* (2001, p. 25-224), dos pesquisadores Selda Vale e Ediney Azancoth. Vale citar que o Núcleo Theatral Getúlio Vargas, de Olinda, chegou a encenar, em 1941, a peça infantil *Zito, o Peralta*, comemorada por atingir sua 3ª apresentação em sequência, sem maiores indicações dos seus realizadores.

Também celebrando três récitas de muitos aplausos no Teatro de Santa Isabel, foi reapresentada a revista cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, estreada no ano anterior, com autoria da senhora Maria Elisa Viegas. Já a “fantasia religiosa” *Noite de Natal*, dos irmãos Valença, cumpriu duas únicas sessões naquele mesmo palco, ambas no final de janeiro e atraindo famílias inteiras. No entanto, o grande destaque do ano foi mesmo a criação do Grupo Infantil de Comédias, com o recorde de récitas para crianças em 1941, dez no total, superando, inclusive, as oito sessões do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Liderado pelo teatrólogo Valdemar Mendonça (o autor mais encenado naquele ano), o Grupo Infantil de Comédias tornou-se, inclusive, sinônimo de longevidade na produção cênica do Recife para o público mirim.

Pelo menos até a 1ª metade da década de 1940, poucas ainda foram as iniciativas teatrais voltadas à infância no Recife. Quem reinou quase absoluto neste período foi o diretor, dramaturgo, ator e radiador Valdemar Mendonça, que nos anos 1937 e 1938, junto ao ator Gerson Vieira, mantinha a Troupe da Boa Vontade com espetáculos adultos no Theatro Livramento, no Feitosa; e em janeiro de 1942 integrou o elenco da peça *Coitado do Xavier*, original de Batista Carvalho e Agenor Chaves, no núcleo profissional do Grupo Gente Nossa, sob direção de Elpídio Câmara (esta equipe de profissionais, pa-



Valdemar Mendonça



Em Marcha, Brasil!

No Cine-Teatro Olinda do Feitosa, por exemplo, em 1942 (quando realizou um total de 16 réci-tas, no mesmo ano do término do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, com as seis derradeiras sessões de *Em Marcha, Brasil!*), o Grupo Infantil de Comédias apresentou num domingo, às 14 horas, a burleta *Quem Será o Palhaço?*, texto de Valdemar Mendonça, com música de Lourival Santa Clara. Nos intervalos, foram sorteados brindes entre as “senhorinhas” e crianças presentes. Posteriormente intitulada como “comé-dia carnavalesca em 2 atos”, a montagem voltou em 1945 àquele mesmo palco para homena- gear seu benemérito, o pintor João Pimentel. Na ocasião, o elenco finalmente começou a ser divulgado: Ana Borba, Maria Guimarães, Isa- bel Barbosa, Nadeje Albuquerque, Reginaldo Sousa, Humberto Neves, Maria Borba, Edvaldo Barreto, Angélica Oliveira e Jeanino Darcy. De acordo com o jornal *Folha da Manhã* (4 de feve- reiro de 1945), foi promovido ainda um Concur- so de Passo, “com premios de lança-perfumes, camisas esportivas e sapatos tenis”, além de um passa-tempo intitulado *Valores Novos*, com prêmio em dinheiro e a possibilidade do vence- dor integrar-se ao elenco do Grupo Infantil de Comédias. O espetáculo foi finalizado com “um ato variado a cargo de vários elementos do Gru- po, inclusive Elisabete Bezerra (A baianinha)”, segundo aquele mesmo jornal.

Em 1943 um dos destaques foi a revista em 2 atos e 4 quadros *Você Me Conhece?*, com letra

ralela ao núcleo amador liderado por Valdemar de Oliveira no Grupo Gente Nossa, ficou restrita aos anos 1941 e 1942). Foi no dia 2 de maio de 1941 que Valdemar Mendonça, provavelmente influenciado pelas matinais dominicais do Tea- tro de Santa Isabel, lançou o Grupo Infantil de Comédias, conjunto que perdurou por mais de 25 anos ininterruptamente e, assim como o Tea- tro Infantil do Grupo Gente Nossa, tinha caráter amador. No elenco, somente crianças.

As primeiras sessões aconteceram no Cine-Tea- tro Olinda do Feitosa, com a peça de sua autoria *Fruto da Terra*, a preços populares, mas diver- sos outros palcos também foram ocupados pela equipe, como o Teatro de Santa Isabel (raramen- te, mas com 1ª sessão ainda em dezembro de 1941, no mesmo ano de seu surgimento), além de centros operários dos subúrbios recifenses, o Teatro do Dérbi – quando voltou à ativa em 1949 – e, mais à frente, o Centro Paroquial Frei Casi- miro, junto à Matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, na Estrada de Belém, no bairro de Campo Grande, que se tornou sua principal sede a partir de maio de 1953, graças ao apoio do cônego Gilberto Carneiro Leão. Lá, as estreias aconte- ciam quase que mensalmente, priorizando tex- tos com caráter educativo e religioso. Ao final de cada apresentação, era comum abrir espaço para um ato variado, inclusive com números musicais, além da distribuição de presentes.

# TEATRO STA. ISABEL

## Reentrada, em 1941, do TEATRO INFANTIL

### Representação da grande revista civico-escolar

# Em Marcha, Brasil!

2 atos e 17 quadros de VALEDMAR DE OLIVEIRA

Titulos dos quadros: 1.º - Higiene manual. 2.º - O café. 3.º - Lição de música. 4.º - Lição de Ciências Físicas. 6.º - Chuva de bolas. 7.º - O segredo. 8.º - Lição de Aritmética. 9.º - Lutas de História Natural (bailado). 10.º - O descobrimento do Brasil. 11.º - Primeira missa no Brasil. 12.º - Batalha dos Guararapes. 13.º - O grito de Ipiranga. 14.º - A batalha do Riachuelo. 15.º - A proclamação da República. 16.º - Os 18 de Copacabana. 17.º - Apoteose final.

DISTRIBUIÇÃO (pela ordem de entradas)

Everaldo Barreto e Silva, LUIS; Maria José Coutinho, LUCIA; Lenira Vilas, CARMEN; Re- naldo de Oliveira, PEDRO; Cerco Trindade, JOSEFA; Cloris Passos, MAMÉ; Valtir Di- mensin, PAPAI; Antão Dimenstein, INESORA; Carolina de A. Melo, LILITA; LUIS CARLOS E CASTRO, BORGES; Anelise Gantinho Lobo, C. A. T. BORBOLETA; Tania Maruachas B e D ZERO - BEIJA-FLOR; Terezinha Lobo, E. 3. AGUA; Lisieux Gomes Pereira, U; Poli- marta Tavares, B e P; Nicia Veloso da Silva, I; Leda Vilas, 9; Carlos Roberto, ROSALINDA ROBERTO, SINAL DE ADIÇÃO; Otavio Lobo, SINAL DE SUBSTITUIÇÃO; José Cavalcanti, SINAL DE MULTIPLI- CAÇÃO; Valdemar Rodrigues Filho, NATUREZA; Nat. Rotman, SINAL DE IGUALDADE; Maria Lia Faria, NATUREZA; Lucia Tavares, PLANTA-FLO- R; Rivaldo Veloso da Silva, PEDRO EADISA HANSENCK, PLANTA; Marieta Campos, BEIJA-FLO- R; José Cavalcanti, JESTIÇA; Ana Maria Lobo, BEIJA-FLO- R; Moacir Ferreira, BIDI; José Cavalcanti, ESCOTEIRO CHEFE; ALVARES CABRAL; Clovis Passos, COLORO; José Maria Soares, ESCOTEIRO CHEFE; MAE PRETA; Clovis Passos, COLORO; José Maria Soares, ESCOTEIRO CHEFE;

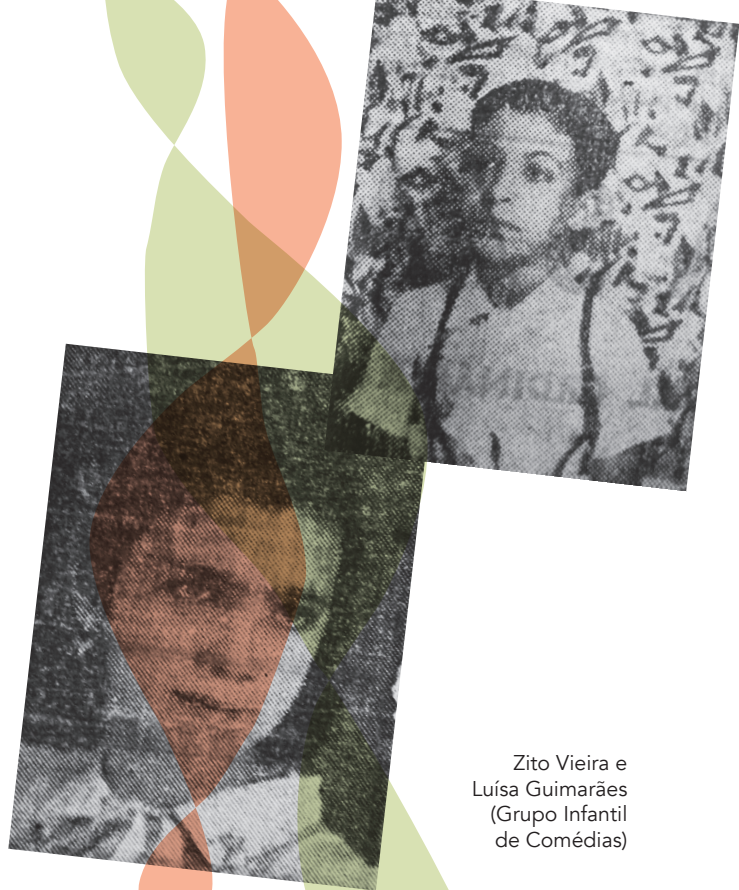
Uma patrulha e uma banda de clarins da Associação Pernambucana de Escoteiros. As reproduções das telas dos quadros 12.º, 15.º e 16.º são de autoria de Balizarr da Câmara; as dos quadros 10.º e 14.º são de Mario Nunes; a do 13.º, de Alvaro Amo- rim; a do 14.º, de Carlos Amorim.

O bailado do 9.º quadro foi ensaiado pelo casal Lidia Morel - Raul Cealada. DIRETOR DE CENA - Valtir de Oliveira - PONTO - Abelardo Cavalcanti - CON- TRAREGRA - Francisco Miranda - MAQUINISTAS - José Barros e João Alves - ELETRICISTA - Anibal Mota.

DIREÇÃO GERAL E REGENCIA DO AUTOR  
PREÇOS POPULARES

de Valdemar Mendonça e música de Lourival Santa Clara, que contou com a participação da Jazz Madeira do Rosarinho, no Cine-Teatro Olinda do Feitosa, apresentada em vespéral carnavalesca dedicada ao redator-secretário do jornal *Folha da Manhã*, Cleofas de Oliveira, parceiro na divulgação do grupo. Ainda constam no seu repertório, *O Rouxinol da Fazenda* e *A História do Mendigo*, do próprio Valdemar Mendonça; *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues; *Rosinha, a Filha do Bosque*, de José Emídio de Lima; e *Amor Materno*, de Jomar Austregésilo, com destaque para textos de cunho religioso como *Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo*, de Carlos Góis, e *As Flores da Padroeira* e *Santa Terezinha do Menino Jesus*, mais duas obras escritas por Valdemar Mendonça, entre outros títulos. Assim como na alternância de espetáculos, a de elencos também era constante. Na comemoração do 13º aniversário do Grupo Infantil de Comédias, em 1954, Valdemar Mendonça deu um testemunho ao jornal *Folha da Manhã* (6 de maio de 1954) sobre suas enormes despesas, ainda que à frente de um grupo amador:

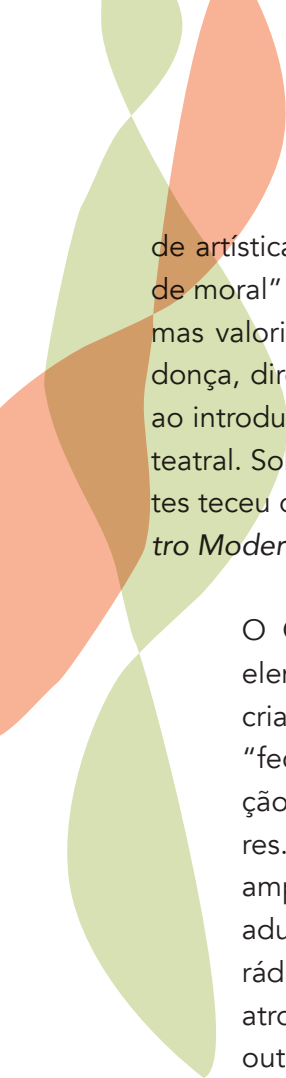
Sómente quem convive no ambiente teatral pode avaliar quanto é dispendioso manter-se um conjunto dessa natureza. (O grupo) possui um certo número de auxiliares, relativo ao de uma companhia teatral, os quais como é natural, trabalham mediante remuneração. São eles o "ponto", maqui-nistas, porteiro, bilheteiro, pintor de telas que anunciam os espetáculos, cenógrafo, conjunto regional de musica para acompanhamentos de números de canto, controlista de som e serventes. Temos, ainda, despesas de passagens de ônibus para os artistas que residem longe do local onde ensaiamos, medicamentos para nossa farmácia de emergência, além de outras despesas imprevistas. A pequena ajuda oficial, que o Grupo vem recebendo desde 1948,



Zito Vieira e  
Luísa Guimarães  
(Grupo Infantil  
de Comédias)

este ano veio mais reduzida do que no ano anterior. Por êsse motivo, tenho lutado com grandes dificuldades, sacrificando até parte do meu ordenado, a fim de não assistir á destruição da obra que edifiquei há tantos anos, a qual tem sido de grande utilidade para as crianças, que têm diversão apropriada e sadia. (...) Temos em nosso repertório, exclusivo 47 peças, inclusive obras religiosas, sacras, comédias e peças dramáticas; entre elas constam algumas que ainda não montamos por falta de verba suficiente.

Até aquele ano, 1954, o grupo já havia contabilizado a impressionante quantidade de 170 espetáculos (todos com a presença do ponto), "inclusive diversos em beneficio de instituições pias e religiosas, em varios teatros", conforme a mesma matéria do jornal *Folha da Manhã*. Naquele momento, o elenco era composto pelos artistas Janete Pessoa, Vilma Dias, Mariana Andrade, Conceição Marques, Lourdirinha Andrade, Vânia Lacerda, Luiza Guimarães, Sônia Maria, Marlene Sousa, Marli Sousa, Marilene Sousa, Roserval Barbosa, Marçal Arruda, Carlos Roberto, Jeferson Sousa e Luiz Vanderlei. Na imprensa, críticos como Isaac Gondim Filho e Valdemar de Oliveira ressaltaram a ingenuida-



de artística da equipe, sempre com uma “lição de moral” presente em cada peça apresentada, mas valorizaram a iniciativa de Valdemar Mendonça, diretor exclusivo de todos os trabalhos, ao introduzir muitos meninos e meninas na arte teatral. Sob o título *De Calças Curtas*, Joel Pontes teceu o seguinte comentário no livro *O Teatro Moderno em Pernambuco* (1966, p. 56-57):

O Grupo Infantil de Comédias teve o elenco exclusivamente composto de crianças, o que lhe dava certo caráter de “fechado” e impossibilitava a manutenção demorada do mesmo naipe de atores. Não obstante, enquanto funcionou, amparou muitas vocações que, na idade adulta, se tornaram úteis às estações de rádio e de televisão, mais do que ao teatro: Luís Queiroga e J. Rodrigues, entre outros. Fundado a 2.5.41, um mês depois do TAP, o Grupo nunca teve outro diretor de espetáculos além do seu responsável geral, Valdemar Mendonça, antigo ator e radiador. Escreveu ele, para o seu conjunto, mais de 20 peças não se interessando em editar nenhuma por considerá-las exclusivas do Grupo. (...) Registre-se, portanto, a abnegação extrema, de mais de trinta anos de trabalhos empregados por um homem pobre, sem nenhum proveito pessoal (as rendas se destinavam a instituições pias), sem procurar sequer usufruir os méritos de escritor. Não os ponho em discussão, nem creio que as finalidades do grupo sejam atingidas – “proporcionar às crianças o desenvolvimento cultural e artístico” – mas não se pode passar sem uma referência de humana compreensão pelo esforço de uma vida inteira, quando existe nela a cândida certeza de que é assim que se deve ensinar às crianças o amor do teatro. Se no futuro elas chegam a entender que não é “aquêlé” o teatro, não faz mal, muito

pelo contrário; essa compreensão dará ao diretor do GIC a sua exata dimensão. Alguns outros autores do repertório: Heronides Silva, Jomar Austregésilo, Sotero de Souza, pernambucanos; Carlos Góis, Figueiredo Pimentel e Frei Pedro Sinzig. Os espetáculos sempre terminavam com um ato variado: canções, recitativos...

Em maio de 1966, o Grupo Infantil de Comédias comemorou 25 anos de atividades ininterruptas. No ano seguinte, a equipe integrou o I Festival de Teatro de Pernambuco (Fetepe), organizado pela Associação Profissional de Atôres Teatrais, Circenses, Cenógrafos e Cenotécnicos de Pernambuco, de 31 de outubro a 13 de novembro de 1967, no Teatro de Santa Isabel, com a peça *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues. O evento tinha caráter competitivo, mas o Grupo Infantil de Comédias participou como *hours concours* devido à sua importância, hoje praticamente esquecida. Provavelmente a morte de seu mentor, em data ainda não encontrada por esta pesquisa, deve ter posto fim à continuidade do grupo.

Nos primeiros anos da década de 1940, além das poucas apresentações para crianças no Teatro de Santa Isabel ou nos cineteatros dos subúrbios, que desapareciam paulatinamente, um outro importante pólo a receber programação também para a meninada era o Teatro de Variedades que funcionava no Parque 13 de Maio, no centro do Recife (“ao alcance de todas as vistas por mais afastado que se encontre o espectador”, como divulgado na imprensa). Isto durante a Festa da Mocidade, evento anual promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco desde 1937, quase sempre entre os meses de novembro a março. Na sua VI edição, por exemplo, em 1942, foi lançada a *Tarde do Gurí Pernambucano*, com “o trampolim dos calouros infantis” – a competição era uma atividade sempre presente – e distribuição de bombons às crianças. Ainda

naquele ano era possível conferir o ventríloco Cilário Ribeiro, com a apresentação dos bonecos Pírolito e Rapadura; a Charanga de Mestre Zé e barracas de prendas e jogos.

No grandioso evento, que perdurou por mais de três décadas, uma série de atrações nacionais e internacionais do teatro, do rádio, da dança, da música e dos esportes se exibiam em revezamento constante, além do espaço aglutinar parque de diversões, o “Presépio Maravilha”, lutas greco-romanas, exibições de dupla caipira, bonequeiros, comediantes – em 1946, por exemplo, a *Grande Vespéral Infantil* era comandada por Arí Guimarães e o destaque era um concurso de iôô – e a anual escolha da Rainha da Festa da Mocidade. Em 1947, a *Vespéral Infantil* do Teatro de Variedades, além de promover concurso de calouros infantis nos domingos e feriados, apresentava o *Programa Expresso Azul*, com distribuição de vários prêmios e, curiosamente, naquele momento, todos os artistas que trabalhavam nos shows noturnos também se exibiam nas tardes para a criançada, sob o comando do humorista Zé Coió, animador dos espetáculos. Entre as atrações, os acrobatas humorísticos Duran Brothers; o conjunto de acrobatas mexicanos Los Colegiales; a sambista Flora Matos; Ataulfo Alves e suas pastoras; os cantores Francisco Carlos e Maria Dandall, esta última mexicana; e o sanfonista Luiz Gonzaga, ainda em início de carreira e mais tarde aclamado como o Rei do Baião. O Parque de Diversões Shangal e barracas de prendas e jogos passa-tempo também dividiam a atenção da meninada.

Voltando a 1942 (ano em que a guerra impediu a vinda de companhias de fora ao Recife e cinemas como o Eldorado e Art-Palácio programavam matinais infantis com películas educativas), na capital pernambucana foi fundado o Teatro Escola, com a professora Maria Elisa Viegas de Medeiros à frente, uma das colaboradas de Val-

Jondecilda Freitas e Sônia Maria (Grupo Infantil de Comédias)



demar de Oliveira na condução da 1ª versão de *A Princesa Rosalinda* e cuja filha, Maria Auxiliadora Viegas de Medeiros, integrou o elenco de *Em Marcha, Brasil!*. O lançamento do Teatro Escola aconteceu com a revista *Quando a Vida Sorri...*, que contabilizou quatro representações no Teatro de Santa Isabel. No ano seguinte, as educadoras Celeste Dutra – cujo filho, Carlos Roberto, também compôs o elenco de *Em Marcha, Brasil!* – e Maria do Carmo Regueira Costa – grande parceira de Valdemar de Oliveira na montagem dos seus infantis – foram designadas para “servir nesse importante setor de ensino primário”, como declarou Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (10 de fevereiro de 1943), com produção de espetáculos teatrais em caráter escolar. Também de 1942 é a encenação da revista *Alma de Marinheiro*, pelas alunas da Escola Normal Pinto Júnior, com duas récitas no Teatro de Santa Isabel.

Em 1943, enquanto apenas uma companhia adulta visitava o Recife, curiosamente de nome Teatro de Guerra, dirigida por Raul Roulien e duramente criticada por seu valor artístico, o Teatro de Amadores do Grupo Gente Nossa, como ainda era chamado o TAP, foi firmando



Jeferson Barbosa  
e Maria do Carmo  
(Grupo Infantil de  
Comédias)

sua qualidade no “rígido programa de difusão das grandes obras do teatro universal”, conforme lembrou o *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944), com quatro encenações naquele ano: *Oriente e Ocidente*, de Somerset Maugham; *A Evasão*, de Eugène Brieux; *O Instinto*, de Henry Kistemaekers; e *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde, todas sob direção de Valdemar de Oliveira. No gênero teatro para crianças, continuou ressaltada a atuação do Grupo Infantil de Comédias, liderado por Valdemar Mendonça. Por diversos palcos da cidade, a equipe apresentou um total de 14 sessões com as seguintes peças: *As Flores da Padroeira*, *O Canto do Sabiá*, *Céu do Meu Brasil*, *Dindinha Lua*, *Cenas e Melodias*, *A Filha do Operário*, *Você Me conhece* e *O Rouxinol da Fazenda*, criações do seu próprio diretor; além de *Frutos da Terra*, de Heronides Silva; *O Nascimento de Jesus*, de Carlos Góis, todas com música do maestro Santa Clara, além do drama *Amor Materno*, de Jomar Austregésilo.

Ainda para a criançada, foi incluída na retrospectiva do ano de 1943 divulgada pelo *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944), a revista infantil *Um Dia no Brasil*, de autoria da professora Maria Elisa Viegas de Medeiros, organizada pelo Serviço de Rádio-Teatro Educação, da

Secretaria do Interior. A montagem foi levada à cena três vezes no Teatro de Santa Isabel. Nos anos seguintes, continuou a ser o Grupo Infantil de Comédias o símbolo do teatro direcionado à infância no Recife. Em 1945, com a vinda da Companhia de Revistas João Fernandes ao Teatro de Santa Isabel, a criançada foi lembrada com vespéral oferecida pela Diretoria de Reeducação e Assistência Social. A equipe carioca trouxe ao Recife uma série de revistas para adultos, como *Fora do Eixo*, de Luiz Iglesias e Freire Júnior, mas programou uma sessão especial à meninada. Segundo a imprensa, esta temporada de “teatro ligeiro” estava “às moscas”. Já na Festa da Mocidade daquele ano, o destaque foi *Vidondo e Seus Bonecos*, com apresentações todos os domingos e feriados, além de distribuição de bombons à criançada.

Um dado interessante aconteceu no ano de 1947. Enquanto registra-se a fundação do Teatro Infantil de Olinda; no Recife, a Secretaria de Saúde e Educação comemorou a Semana da Criança, de 10 a 17 de outubro, com um “grande movimento de propaganda e educação popular, destinado a chamar a atenção pública para os problemas de proteção e assistência à infância”, conforme o *Jornal do Commercio* (27 de setembro de 1947). Como Pernambuco vinha apresentando índices alarmantes de pobreza e mortalidade infantil, o tema finalmente ganhou destaque neste momento e várias entidades resolveram participar com ações em todo o estado. Os problemas da criança passaram, então, a ser discutidos e diversos grupos escolares recifenses criaram festas em benefício das instituições voltadas à infância, com o teatro praticado por meninos e meninas sendo uma das atrações. Foi o caso do Grupo Escolar Amauri de Medeiros, do Grupo Escolar José Maria – que levou à cena a comédia *Nem Tudo Que Brilha é Ouro*; do Grupo Escolar Pedro Celso, do Teatro Paroquial do Barro, ligado à Congregação da Doutrina Cristã; do Colégio Americano Batista – que encenou o “bailado fantasia” *Ao Rom-*

per da *Madrugada* e o drama *Branca de Neve*, em 3 quadros; do Grupo Escolar Manuel Borba e do Preventório Bruno Veloso – com a “suíte infantil” *O Sapo Dourado*, de Heckel Tavares e Marta Dutra. As apresentações aconteceram nas próprias instituições ou, raramente, no Teatro de Santa Isabel. E o teatro praticado nas escolas ganhou destaque com isso.

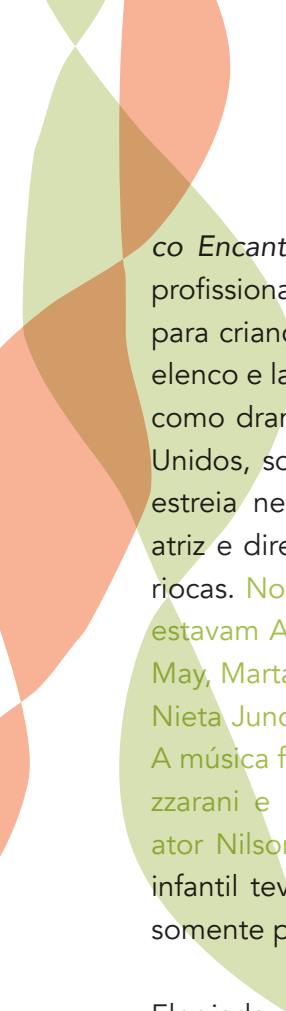
Naquele ano de 1947, além da presença do Circo Nerino, armado no bairro de Água Fria como opção de diversão para toda a família – a vinda de circos ao Recife era constante já há algum tempo, principalmente nos últimos meses de cada ano, numa época em que ainda era possível ver dramas circenses em suas programações –, o Teatro de Santa Isabel também recebeu a turnê do Orfeão Infantil Mexicano, após êxito de apresentações no Rio de Janeiro e São Paulo. O conjunto coral, formado por crianças dos oito aos quatorze anos, sob a regência do maestro Alarcon, foi apresentado por três noites seguidas, com o Juizado de Menores liberando a entrada de crianças acima dos dez anos. Mas, apesar de toda a propaganda feita pelo jornalista Valdemar de Oliveira recomendando-o, o público não foi o esperado.

Na área cinematográfica, para compensar a falta de sessões voltadas a todas as idades, o empresário Antônio Barreto estreou o Baby Cinema, no Edifício Trianon, bem no centro do Recife, inicialmente com projeções mudas. Em setembro do mesmo ano, ele adquiriu aparelhagem sonora e inaugurou o Baby Cinema Sonoro, com sessões contínuas das 14 às 18 horas, aos sábados, levando-o também para festas de aniversário e outras reuniões infantis particulares. Segundo o *Jornal do Commercio* (3 de setembro de 1947), a programação contava com “filmes naturais, desenhos animados, comédias, etc.”. Somente dois anos depois, em 1949, no dia 1 de novembro, o Baby Cinema passou a funcionar no Edifício Sertã, sala 101, ainda no centro do Recife,

aumentando para 27 o número de salas cinematográficas em atividade naquele momento. De acordo com o *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1949), lá eram exibidas “pequenas comédias, desenhos animados e shorts”, com projeções diárias das 13h30 às 17h30, às vezes com matinal das 9 às 12 horas, ainda sob o lema da exclusividade “somente para crianças”. As sessões contínuas aconteciam de hora em hora. Mas a ideia, infelizmente, não vingou.

Segundo o pesquisador Marco Camarotti no artigo *História do Teatro Para Crianças em Pernambuco* (disponível em: [http://www.cbtij.org.br/arquivo\\_aberto/historia/teatro\\_pe.htm](http://www.cbtij.org.br/arquivo_aberto/historia/teatro_pe.htm). Acesso em: 16 de abril de 2010), no ano de 1948 foi inaugurado o Departamento de Extensão Cultural e Artística (DECA) da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, que, ao que tudo indica, é uma evolução do Teatro Escolar lançado pela professora Maria Elisa Viegas de Medeiros. Tanto que uma de suas colaboradoras, a também professora e poetisa Celeste Dutra, ocupou o cargo de chefe do Setor Pré-Dramático daquela instituição, na qual revelou-se como autora de várias obras apresentadas, as revistas infantis *Retalhos Coloridos*, *No País do Sonho* (ambas de 1948) e *Nossos Avós Contaram...* (1952), todas dirigidas por ela no Teatro de Santa Isabel. Desde sua criação, o DECA manteve um Serviço de Teatro Escolar com peças interpretadas por crianças, adolescentes e adultos, estudantes e funcionários de colégios recrutados, inclusive enveredando pelas linguagens do teatro de fantoches e do teatro de sombras. Com dezenas de peças encenadas por artistas como Maria José Campos Lima, Beatriz Ferreira e Walter de Oliveira, o grupo manteve-se ativo até 1966. Mais à frente, novos detalhes sobre os seus espetáculos.

Aqui, vamos dar um pulo ao Rio de Janeiro para acompanhar a trajetória da obra que é um marco para o teatro infantil no Brasil: *O Casa-*



co *Encantado*, estreada em 1948. Em termos profissionais, esta foi a 1ª montagem teatral para crianças no país, já com atores adultos no elenco e lançamento da carioca Lúcia Benedetti como dramaturga, pela companhia Os Artistas Unidos, sob direção de Graça Mello – em sua estreia nesta função – e Henriette Morineau, atriz e diretora francesa radicada em terras cariocas. No elenco, além dos próprios diretores, estavam Ambrósio Fregolente, Dary Reis, Flora May, Marta Castro, Nilson Penna, Jacy Campos, Nieta Junqueira, Lucile Perrone e Orlando Guy. A música foi composta pelo maestro Renzo Mazzarani e os figurinos e cenários, criações do ator Nilson Penna. O curioso é que esta peça infantil teve uma *avant-première* à meia noite, somente para artistas, intelectuais e jornalistas.

Elogiada pela imprensa e pelo público, *O Casaco Encantado* conseguiu se manter em cartaz por mais de quatro meses, no Teatro Ginástico, com grande sucesso comercial na então capital federal do Brasil. Não era raro fazer quatro sessões diárias, às 14, 16, 18 e 20 horas. Com esta 1ª montagem teatral profissional para crianças, que revelou uma dramaturgia específica para o gênero sem o caráter didático tão presente naquele momento, a dramaturga Lúcia Benedetti foi aclamada como “revelação de literatura cênica” pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, que ainda concedeu o prêmio de cenógrafo estreado para Nilson Penna. No ano seguinte, ainda por este seu 1º texto, Lúcia Benedetti, que escreveu outros sucessos como *Simbita* e *o Dragão*, *Branca de Neve* e *Josefina* e *o Ladrão*, conquistou o Prêmio Arthur Azevedo, concedido pela Academia Brasileira de Letras na categoria teatro.

Foi em março de 1949 que *O Casaco Encantado* chegou ao Recife para curta temporada no Teatro de Santa Isabel, com matinais a partir do dia 6, aos domingos, às 10 horas, até 3 de abril (neste momento, a garota Marília Pêra integrava

o elenco). A peça era a única voltada ao público infantil de todo o repertório da companhia Os Artistas Unidos, no qual constavam montagens adultas como *Frenesi*, de Charles de Peyret-Chappuis; *O Pecado Original*, de Jean Cocteau; *Elizabeth da Inglaterra*, de André Josset e *Uma Rua Chamada Pecado*, de Tennessee Williams. A excursão estava sendo patrocinada pelo Serviço Nacional de Teatro e Ministério da Educação e Saúde. A imprensa registrou que a capital pernambucana foi a 1ª cidade do “Norte” do país a ser visitada. É claro que a repercussão deste “espetáculo dedicado à petizada” foi das melhores possíveis e reforçou que o teatro para crianças poderia ser encarado como arte em sua maior amplitude, inclusive entre profissionais, algo que já estava perto de acontecer no Recife.

No entanto, antes do lançamento da profissionalização do setor, eram os amadores e estudantes que ainda dominavam o mercado teatral local. Um destaque era o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), que reunia estudantes acadêmicos, especialmente da Faculdade de Direito do Recife, e teve três fases distintas. A 1ª, em 1940, com a montagem do texto adulto *1830*, de Paulo Gonçalves, no Teatro de Santa Isabel, sob direção de Raul Prysthon, com breve orientação de Valdemar de Oliveira. A 2ª, a partir de 1943 e até 1945, inicialmente com alunos de faculdades e colégios tentando arrecadar fundos para a Campanha do Ginasiano Pobre, sob coordenação de Felipe Gomes. Levavam somente peças adultas para os Centros Educativos Operários pertencentes ao Serviço Social Contra o Mocambo, do Governo do Estado, além de cidades como Moreno e Caruaru, no interior pernambucano, e João Pessoa, na Paraíba. Entre os espetáculos do período, com diretores como Raul Prysthon e Gerson Vieira contratados, *Um Escorrêgo*, *O Presente de Noiva*, *O Médico de Cabrobó* e *Era Uma Vez Um Vagabundo...*, sempre acompanhados da exibição de um filme ou números de canto e humor.



A 3ª fase, a mais fecunda, teve início em 1946, sob o comando de Hermilo Borba Filho, com montagens de textos clássicos e de autores nordestinos, objetivando um teatro que se destinava ao povo, mas com peças de alto valor artístico, em contraponto à 2ª fase do grupo. Foi neste período que optaram também por uma montagem com bonecos, para atingir pessoas de todas as idades, exatamente em 1948, mesmo ano de lançamento da peça *O Casaco Encantado*, no Rio de Janeiro. Segundo o pesquisador Luiz Maurício Carvalheira no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 182), a peça escolhida foi *Haja Pau*, texto de José de Moraes Pinho, com música de Capiba e cenários, bonecos e “mise en scène” assinados por Aloísio Magalhães, Ariano Suassuna e o titiriteiro popular Cheiroso.

A estreia aconteceu no lançamento da Barraca, um teatro que deveria ser ambulante, inspirado em iniciativa do espanhol Federico García Lorca, numa renúncia à sala de espetáculos oficial do Recife, o tradicional Teatro de Santa Isabel. Mas, por força de sua construção pela Base Naval do Recife, que o fez pesado e de grandes proporções, este teatro manteve-se fixo no Parque 13 de Maio, com lançamento em 18 de setembro de 1948 e público estimado em três mil pessoas. O programa apresentado naquela noite constava de um espetáculo em dois atos, sendo a 1ª parte aquela peça de mamulengo baseada numa lenda nordestina. Ainda no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 182), registrou Luiz Maurício Carvalheira:

Os bonecos representavam num pequeno palco, colocado no centro da Barraca, e eram manipulados por Maria Tereza Leal, Epitácio Gadelha, Dulce Cavalcanti e Gilberto Borba, que trabalhavam sob



Departamento de Bonecos do Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP)

a direção de Aloísio Magalhães, responsável por este “Departamento de Bonecos” do TEP.

Seguiram-se números musicais e declamações, inclusive poemas de Lorca, ainda na 1ª parte do ato variado. No segundo e último momento foi representado o texto adulto *Cantam as Harpas de Sião*, de Ariano Suassuna, dirigido por Hermilo Borba Filho. Novas sessões aconteceram nos dias 9 e 10 de outubro, ainda na Barraca. Utilizando a carroceria de caminhões, o mesmo programa foi levado, posteriormente, a diversos subúrbios da capital pernambucana – como na Vila dos Comerciantes, a convite do SESC, e à Destilaria do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife – e cidades do interior. Entre outros lugares, *Haja Pau* ainda foi apresentado no Largo de Casa Forte e no Colégio Anchieta.

Antes da estreia do segundo espetáculo preparado por este Departamento de Bonecos do TEP, que reuniu três peças curtas e inéditas de autores pernambucanos em sessão na Escola Industrial da Encruzilhada para uma plateia de sócios contribuintes do grupo, Hermilo Borba filho comentou no jornal *Folha da Manhã* (16 de dezembro de 1948) sobre a dramaturgia a ser revelada:

Pelópidas Soares, de Catende, aparece, pela primeira vez em cena, com a sua "O galo capeta", baseado numa lenda nordestina. Não será exagero dizer-se que ele possui boas qualidades, principalmente manejando uma história tão de sabor regional quanto esta que escreveu, onde a credulidade da gente do povo se alia, também, à eterna desconfiança conjugal. A outra peça – "Mãe da lua", de José de Moraes Pinho – confirma as virtudes do autor de "Haja pau", que se deveria especializar em peças para bonecos, pois ele possui a justa dose para esse gênero de espetáculos. Continuando a minha tentativa de teatralizar as assombrações do nordeste iniciada com o "Auto da mula de padre", apresentarei "A cabra cabriola", com música de Capiba, onde procurei caricaturar o bicho que come menino, aligeirando a lenda, tornando-a quase uma farsa. Cumprimos, com esse espetáculo de sábado, a promessa de aproveitar os assuntos do povo, valorizando-os e fazendo-os voltar ao meio de onde se originaram.

Na ficha técnica, constavam cenários de Aloísio Magalhães, luz de Salustiano Gomes Lima, bonecos de Cheiroso e, tomando parte na representação, "fazendo as vozes dos bonecos", Ariano Suassuna, Gilberto Freire Borba, Alaíde Portugal, Ana Canen, Genivaldo Wanderley, Epitácio

Gadelha, José Guimarães Sobrinho, Gilvan Barbosa, Gastão de Holanda, Fernando Maranhão e Francisco Sepúlveda. Pouco depois, com a ida de Aloísio Magalhães ao Rio de Janeiro por um bom tempo, o Departamento de Bonecos do TEP, que estava sob sua coordenação, foi desativado. Somente no dia 22 de março de 1952, um sábado, com sessão noturna às 20h30, já no Teatro de Santa Isabel, o Teatro do Estudante de Pernambuco estreou uma outra montagem, agora assumidamente para crianças, composta por três peças em 1 ato escritas originalmente para bonecos (mas, aqui, montadas com atores, numa decisão do diretor), todas baseadas em histórias do Nordeste. Foram elas: *Mãe da Lua*, de José de Moraes Pinho; *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho (que retornavam ao repertório do grupo); e *A Caipora*, de Genivaldo Wanderley, diretor geral da montagem. "Ao me confiar a direção desse espetáculo para crianças, Hermilo deu inteira liberdade, inclusive na escolha das pessoas", disse o diretor em entrevista a Luiz Maurício Carvalheira em livro aqui já citado (1986, p. 217).

O trabalho contava com músicas de Capiba e cenários e figurinos de Heráclito Campello. Ainda na equipe técnica, Alceu Domingues Esteves e Aloísio Pereira como maquinistas; e Aníbal Mota como eletricitista (iluminador). No elenco, com quase todos desdobrando-se em mais de um personagem, Carlos Roberto Penante, Paulo Alcântara (o conhecido e saudoso ator Sebastião Vasconcelos, que assumia pseudônimo no teatro para evitar problemas na família), Margarida Cardoso, Pugliesi Branco, Suzete Marques, Maria Campos, Maria José Campos Lima, José Pinheiro, Maria Clélia Barbosa de Oliveira, Gesilda de Andrade, Yara Lins, Ana Canen e o próprio diretor, Genivaldo Wanderley. Houve matinal no domingo posterior à estreia, no dia 23 de março de 1952. No total, a peça cumpriu sessões entre março e abril daquele ano, primeiramente aos sábados

e domingos, no Teatro de Santa Isabel, passando depois a ser representada no Teatro do Dérbi e em outros lugares. Luiz Maurício Carvalho registrou ainda no seu livro comentário de Hermilo Borba Filho para o jornal *Folha da Manhã* (26 de maio de 1952):

O Teatro do Estudante de Pernambuco, desta vez sob a direção de Genivaldo Wanderley que, bom ator, revelou-se como diretor com as pecinhas em um ato, anda fazendo uma coisa que sempre me entusiasmou: o rodízio por vários lugares da cidade e dos subúrbios, descentralizando o local clássico de qualquer representação teatral, que é o Santa Isabel. Esteve ontem no Teatro do Dérbi, no outro domingo estará no Cine Rivoli de Casa Amarela. Esteve, também, no Colégio Estadual apresentando apenas "A caipora", num espetáculo dedicado aos alunos daquele famoso educandário e agradou em cheio (...) O TEP revive, assim, um pouco do seu antigo programa.

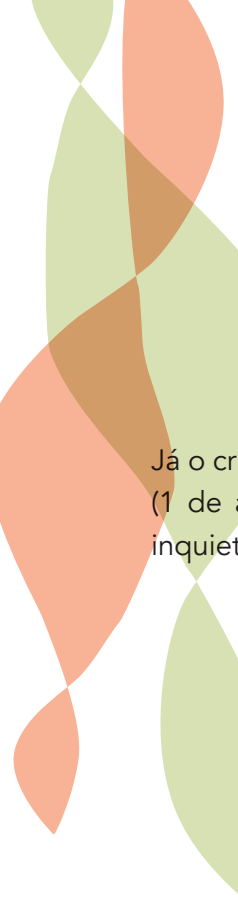
Dois críticos, em especial, teceram elogios à iniciativa. Valdemar de Oliveira, que não considerou a montagem apropriada aos espectadores infantis, escreveu no *Jornal do Commercio* (26 de março de 1952):

Um belo espetáculo, o que nos ofereceu, há dias, o Teatro do Estudante de Pernambuco, com três peças em 1 ato. Belo pela expressiva intenção dos originais, belo pela montagem e pelo desempenho, belo pelo caráter artístico que lhe imprimiu Genivaldo Wanderley, com a colaboração, que me pareceu verdadeiramente preciosa, de Heráclito Campelo. (...) O equilíbrio das representações, devido à revelação de diretor que é Genivaldo Wanderley, beneficiou grandemente da cenografia de Heráclito Campelo,

que é, no gênero, a figura mais expressiva da nova geração de homens de teatro, do Recife de hoje. Esplêndidas, as suas concepções, do mesmo modo que o seu desenho e as suas côes. As três peças se equiparam como traduções artísticas de histórias de assombrações do Nordeste – e constituem inteligente valorização do folclore sertanejo, de uma riqueza sem par, só agora aproveitada, como convém, pela cena. "Mãe da Lua", de José de Moraes Pinho, é a de melhor teatralidade. Tôdas, porém, tiveram desempenho elogiável, que marcou um dos espetáculos de maior rendimento artístico do Teatro do Estudante. Vale assinalar – sem falar nos elementos tomados por empréstimos a outros conjuntos amadoristas – a presença, no palco, de outros, estreantes, que se fizeram notar por uma atuação muito promissora, tais como Maria Campos, Suzete Marques, Iara Lins e Maria José Campos Lima – estas últimas, principalmente, à vontade em seus papéis. Dos veteranos não falemos, que se foram bem, mas, anotemos a atuação de Pugliesi Branco, muito bom no Padre e na Cabra Cabriola, embora um tanto excessivo em "A caipora" – defeito que foi do próprio diapasão cômico impresso ao desempenho geral. Uma boa nota, por fim, nas três crianças, que animaram

A Caipora





grandemente os quadros de que participaram. Um bom espetáculo, que não me parece, todavia, dos mais indicados para espectadores infantis.

Já o crítico J. B., ainda no *Jornal do Commercio* (1 de abril de 1952), parece responder a esta inquietação de Valdemar de Oliveira:

Os três originais, com o desempenho que lhes foi dado pelo elenco do T.E.P., convencem e atingem plenamente as finalidades para que foram escritas, isto é, para crianças. Senti de perto a magnífica reação da petizada presente ao teatro, naquela tarde, e vi como as crianças apreciaram o desenrolar do trabalho. As três lendas nordestinas, aproveitadas pelos autores, foram muito bem tratadas, deixando, como se esperava, o ensinamento moral, muito sutil no espírito das crianças. (...) Quanto à direção e à “mise-em-scene” de Genivaldo Wanderley, não se podia esperar menos de um poço bem intencionado e que se criou, artisticamente, nos rígidos princípios do Teatro do Estudante de Pernambuco, na realização de um teatro honesto e capaz de contribuir para a renovação da cena brasileira, conforme o programa que aquela entidade se traçou e de que ele é um dos sustentáculos mais firmes.

Este foi o penúltimo trabalho levado à cena pelo TEP que, em 18 de setembro de 1952, estreou a “farsa poética em três atos”, *Três Cavalheiros a Rigor*, texto de Hermilo Borba Filho, que ganhou direção do colombiano Enrique Buenaventura. Após cinco apresentações no Teatro de Santa Isabel, com crítica e público desfavoráveis, a montagem marcou o fim do Teatro do Estudante de Pernambuco. De 10 a 23 de fevereiro de 1953, Hermilo publicou na *Folha da Manhã* uma série de sete artigos – subordinados ao título *Vida e*

*Morte do Teatro do Estudante* – onde comunicava ao público o encerramento das atividades do grupo após sete anos de existência desde 1946. Coincidência ou não, pouco após a estreia da 1ª experiência de bonecos pelo TEP, ainda em 1948 chegou ao Recife o Teatro de Marionetes, do Rio de Janeiro, sob orientação de Eros Martim Gonçalves, Maria Helena Amaral e Silvia Watson.

A curta temporada, patrocinada pela Diretoria de Documentação e Cultura, deveria acontecer no Círculo Católico, mas acabou transferida para a Escola Industrial da Encruzilhada. Além dos espetáculos para adultos, as crianças também tiveram sessões dedicadas a elas, com a encenação de *Diálogos da Mofina Mendes*, de Gil Vicente, além de números variados, com canções e danças populares (frevo e gafieira) interpretadas pela bonecaria. Reconhecido por sua paixão pela plasticidade, o pernambucano Eros Martim Gonçalves, diretor, figurinista, cenógrafo e bonequeiro cuja formação aconteceu na Inglaterra, onde estagiou na Companhia Old Vic, há muitos anos estava radicado no Rio de Janeiro. É ele quem vai assinar cenários e figurinos para a montagem de *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, um dos grandes sucessos do Teatro de Amadores de Pernambuco, cuja estreia aconteceu no dia 7 de dezembro de 1948, no Teatro de Santa Isabel, aproveitando sua estada com o Teatro de Marionetes no Recife. A direção era de Valdemar de Oliveira. Em 1955, Eros Martim Gonçalves foi um dos fundadores da Escola de Teatro da Universidade da Bahia.

Ainda em 1948, exatamente no dia 3 de julho, a Rádio Jornal do Commercio foi inaugurada no Recife, sob o slogan “Pernambuco Falando Para o Mundo”. Como o estado era o 3º de maior índice de mortalidade infantil, atrás apenas do Maranhão e de Alagoas, este último o campeão de tão triste realidade, a empresa decidiu promover, já em agosto, uma Festa Infantil para meninos e meninas desamparados, “no parque



que circunda o edifício dos seus transmissores”, de acordo com o *Jornal do Commercio* (14 de agosto de 1948). Como parte principal do programa, um espetáculo de mamulengo, além da distribuição de brindes, como garrafas de Coca-Cola – uma das patrocinadoras – e um “farto lunch”. Pouco depois, passou a integrar a Campanha de Natal das Crianças Pobres dos Centros Educativos Operários, lançada pelo Serviço Social Contra o Mocambo, assim como a P.R.A.-8. As duas rádios assumiram toda a publicidade e milhares de doações foram conseguidas.

Em 1949, o sucesso no auditório da Rádio Jornal do Commercio eram as *Grandes Matinais Para a Garotada do Recife*, que aconteciam aos domingos, com “presentes, premios, curiosidades!”, como ressaltavam os anúncios nos jornais. Os programas começavam às 9h30 e seguiam até o meio dia. Entre eles, *Coisas Nossas*, *Bom Dia Para Você*, *Cresça e Apareça*, *Revista Alegre* e *Vamos Fazer o Passo*. Posteriormente, *matinées*

também aconteceram à tarde, reunindo centenas de crianças, estudantes e adultos neste auditório. Dos artistas convidados, destaque para o cantor Chucho Martinez, além de Linda Rodrigues, Ernesto Bonino e Humberto Simões e Seus Bonecos. Importante registrar que o ano de 1948 foi bem especial para determinados grupos teatrais do Recife. Neste período, por exemplo, o Grupo Infantil de Comédias, liderado por Valdemar Mendonça, passou a receber um pequeno incentivo financeiro por parte da municipalidade. Atento ao movimento cênico daquele momento e à importância ao financiamento dos grupos, Valdemar de Oliveira registrou em sua coluna *A Propósito...*, no *Jornal do Commercio* (13 de junho de 1948):

O teatro amadorista em Pernambuco já se firmou de tal maneira, já se impôs tão fortemente, pelas suas realizações e pelos seus propósitos, que nos é grato observar a atenção que vem despertando, por parte dos poderes públicos – seja o Serviço Nacional de Teatro subvencionando o Teatro de Amadores e o Teatro do Estudante, seja a Câmara de Vereadores auxiliando o Teatro Infantil, de Valdemar de Mendonça, seja o Ministério do Trabalho amparando o Teatro dos Bancários. Continuemos nesse programa, de modo a interessar os governos em nossa tarefa. Dinheiro é alicerce. Pelo alicerce é que se começa. E sem êle a casa cái.

O Grupo Infantil de Comédias, inclusive, levou à cena naquele ano de 1948, no palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, a peça em 2 atos e 6 quadros *O Nascimento de São João Batista*, adaptação de Valdemar Mendonça e padre Hipólito Pedrosa, com música de Lourival Santa Clara. **No elenco, as crianças Isabel Barbosa, Nize Rocha, Valderez Pessoa, Marly Rocha, Zito Vieira, Manoel Ferreira, Dirceu Pessoa, Lourdinha Oliveira e Inalda Ferreira. Além de Valdemar Mendonça as-**

sinando a direção artística e Lourival Santa Clara a direção musical, constavam na equipe Gerson Vieira como ponto, Lídio Guimarães na carpintaria, Efigênio Oliveira na maquinaria, Artur Magalhães no controle de som e o pintor João Pimentel a cargo do cenário. Nos ingressos cobrados, as crianças pagavam metade do valor dos adultos. Só como curiosidade cultural, no ano seguinte, 1949, virou “febre” entre a criançada ouvir a coleção de Discos Continental com histórias musicadas para crianças, como *Branca de Neve e os Sete Anões*, *A Formiguinha e a Neve*, *Os Quatro Heróis*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A História da Baratinha*, todos propondo “divertimento e instrução”.

Foi no ano de 1949 que surgiu o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, iniciativa do casal Carmosina e Veridiano Araújo, apresentando-se inicialmente em colégios, asilos e orfanatos, mas, depois, passando a exibir-se também no Teatro de Santa Isabel. A ideia de lançar o grupo surgiu após um curso de Teatro de Fantoques, de Máscaras, de Sombras com artistas como Olga Obry e Eros Martim Gonçalves, convidados pela Diretoria de Documentação e Cultura. Em novembro de 1950, após sessões de seu repertório no Colégio Nóbrega em favor das obras missionárias, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato ganhou uma resenha entusiástica de Isaac Gondim Filho no *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1950):

Carmosina Araújo e seus auxiliares escondiam-se por trás do palco caprichosamente decorado. Movimentavam os bonecos por êles próprios confeccionados com cuidado. Disso tudo sabíamos nós, porque éramos as únicas crianças-grandes que lá estavam. Mas o resto da garotada acreditava não sei em quê, pensando talvez nos mistérios daquilo que não podiam ver, mas que deveriam existir por trás do que êles riam. Dentro dêsse espírito de misté-

Carmosina Araújo

rio desenrolaram-se aos nossos olhos os diversos momentos da história de “Chapeuzinho Vermelho”, com suas figuras tão nossas conhecidas (...) A meninada vibrou nos momentos mais emocionantes, e bateu palmas entusiasmadamente. Entretanto o espetáculo ainda não acabara. Houve também um “Show de Bonecos”: “A Pianista Miss Gura” executou um número do seu repertório, “Alzirinha Camargo”, cantou um samba, “Carmem Miranda” dansou uma das suas músicas mais conhecidas, “O Pretinho” fez o passo ao som de um frevo bem nosso. Estávamos encantados com o que vimos – as crianças e nós também. (...) Carmosina Araújo é a alma de tudo aquilo que forma o Teatro de Marionetes Monteiro Lobato, tendo como braço direito o seu marido, o Araújo, à volta dêste casal simpático e simple (sic) reuniram-se Ernani Cerdeira e Antônio Heráclito. (...) Sentimos neles todos, ao conversarmos durante o intervalo de uma sessão para outra, que há um verdadeiro espírito de equipe (...) Mas há sobretudo devotamento. Havendo pois tanto esforço, tanta cooperação, tanto idealismo em levar às crianças, grandes ou pequenas, um pouco de diversão sadia e inocente, não cabe de nossa parte fazer critérios de análise. Os diretores e auxiliares do T. M. M. L. sabem muito bem que os seus espetáculos não são perfeitos e por isso mesmo aceitam de boa vontade sugestões e conselhos. É êste o melhor indício de melhoria sempre crescente.



Em abril de 1952, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato finalmente ocupou o palco do Teatro de Santa Isabel, em matinal no domingo 13, às 10 horas, com a peça *Chapeuzinho Vermelho*, "com voz mecânica" e "completando o espetáculo um fim de festa, que terá como número final o *Frêvo*, dançado pelo boneco *Zepingafogo*", conforme registro no *Jornal do Commercio* (10 de abril de 1952). Mesmo com cobrança de ingressos, era comum contar com crianças de orfanatos convidados na plateia. Nos três domingos seguintes, comemorando a lotação esgotada da estreia, o *Jornal do Commercio* (20 de abril de 1952) deu mais detalhes sobre o "fim de festa" apresentado:

(...) no qual tomarão parte os bonecos Miss Gura, pianista; a dupla caipira Gilú e Giló; Carmen Miranda e o passista Zepingafogo, que fechará o espetáculo dançando o "frêvo". Para tornar o ambiente mais carnavalesco, serpentinas e bolas de ar, coloridas, serão jogadas das gerais por sôbre a platéia.

Por mais dois domingos, o grupo ainda pôde ser visto no Teatro de Santa Isabel, inclusive com uma sessão especial agendada para os filhos dos associados do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Recife.

Ainda em 1952, o conjunto seguiu para São Paulo, onde desenvolveu atividades no Teatro Colombo, na TV Tupi e em diversas instituições infantis subordinadas à prefeitura paulistana. Em 1953, partiu para o Rio de Janeiro, atendendo sugestão do grande amigo, o teatrólogo Paschoal Carlos Magno. Segundo um de seus progra-

mas, entre os anos 1955 e 1965 o grupo não desenvolveu qualquer atividade, chegando, após este período, a apresentar-se novamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde fixou residência até a década de 1970. Há registros na imprensa de que a equipe perdeu seu teatrinho carioca por causa das obras do metrô. Voltando à capital pernambucana, Carmosina Araújo fechou parcerias com o Teatroneco, outra importante trupe do gênero teatro de bonecos, que surgiu em 1969, no Recife, pela ação da madre gaúcha Armia Escobar Duarte. Assim, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato conseguiu manter-se ativo até início dos anos 1980. Sua coordenadora faleceu no dia 1 de julho de 1984 e, sem ela, esta trajetória teve fim.



Barreto Júnior

Para o ano de 1950 estava marcado o centenário do Teatro de Santa Isabel. Por isto, a mais importante casa de espetáculos do Recife teve que fechar suas portas por quase oito meses para uma necessária reforma, a partir de setembro de 1949. Devido à falta de outros palcos (já que os cineteatros existentes paulatinamente focavam suas atenções apenas na programação cinematográfica), um novo teatro foi inaugurado na capital pernambucana e outro, inativo, voltou à atividade. Foi o inquieto empresário, ator e diretor teatral Barreto Júnior quem inaugurou, no início de outubro de 1949, com a sua Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, o Teatro

de Emergência Almare, na avenida Dantas Barreto, estreando com a peça *Amor*, de Oduvaldo Viana, que permaneceu em cartaz, diariamente, com descanso apenas às segundas-feiras, até o dia 30 daquele mês, sempre no horário noturno. Antes mesmo de emendar uma nova montagem adulta, *O Rei dos Maridos*, comédia de Eurico Silva, e seguindo seu faro comercial, Barreto Júnior quis dar atenção às diversões para crianças e lançou o Teatro de Brinquedo, para ocupar as manhãs dos domingos no seu teatro.

A estreia se deu com “um espetáculo de variedades” contando com a participação do “professor Lima e seus cães amestrados, com números circenses; o *Homem-Foca*, malabarista internacional; Naná Montez, Gordurinha (humorista), Lenita Lopes, Barreto Junior e outros em cortinas cômicas e números de música”, segundo o *Jornal do Commercio* (19 de outubro de 1949). Como se vê, era a velha fórmula de atrações variadas em sequência, mas não deixava de ser uma opção de diversão para a meninada. No entanto, a iniciativa durou poucas semanas. No sábado 12 de novembro de 1949, foi a vez de outra casa de espetáculos, o Teatro do Dérbi, ligado à Polícia Militar de Pernambuco, voltar à ativa com a estreia da montagem adulta *Fim de Jornada*, de Robert Sheriff, pelo Teatro Universitário de Pernambu-

co (TUP), sob direção de Ziembinsky. Na noite seguinte, o Teatro de Amadores de Pernambuco se exibiu, apresentando, pela 7ª vez, a peça *Esquina Perigosa*, de John B. Priestley, também sob direção daquele conceituado artista polonês radicado no Brasil. Valdemar de Oliveira comemorou no *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949):

Mas, o que importa, ainda por hoje, é o novo Teatro com que o coronel Viriato de Medeiros brindou o Recife. Para isso, obteve, êle, uma colaboração valiosa: a da Prefeitura do Recife, que lhe traçou alguns projetos, que lhe ofereceu grande cópia de material, que consentiu em lhe ceder algumas peças do Santa Isabel. Essa colaboração representa mais um serviço prestado pelo prefeito Moraes Rêgo às coisas de teatro, no Recife. Já disse, de público, e já fiz publicar, a minha opinião de que o prefeito Moraes Rêgo têm sido, em sua gestão, o maior amigo do teatro, em Pernambuco.

Na imprensa, o lembrete de sua localização e dos ônibus que passavam perto, era imprescindível, como reforçou o *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949): “Numerosas são as linhas de omnibus, a citar Torre-Madalena, Prado, Casa Forte, etc., que passam nas proximidades do Teatro do Dérbi, que se situa contigualmente ao Quartel da Polícia Militar”. Naquele momento, os periódicos publicavam os horários dos “bonds e omnibus” para a população, além do intenso tráfego de navios – tanto que há página inteira de jornais dedicada à navegação.

Em outubro daquele ano, a Secretaria de Educação e Cultura abriu concurso de peças teatrais para o seu Teatro Escolar, com prêmios em dinheiro aos três primeiros colocados, sob as seguintes bases: as peças, obrigatoriamente, deveriam “explorar, em termos dramáticos, as



Teatro do Dérbi



lendas, as histórias e o cancionista do Nordeste. Esta é uma razão para que possuam, tanto na forma quanto no conteúdo, um tratamento puro em relação ao dramático e ao literário”, dizia o edital. Celeste Dutra estava à frente deste concurso que almejava textos “para serem representados por crianças e adolescentes do Teatro Escolar, ao lado de intérpretes adultos”. No final de novembro, a convite da Sociedade Esportiva e Cultural Dicenper, foi o município do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife, quem recebeu a visita do Teatro de Amadores de Catende, dirigido por Jaime Albuquerque, com a peça adulta *A Trovada*, de Aristóteles Soares, acompanhado pelo Teatrinho de Bonecos de Catende, com o dr. Vilmar Mayrink na direção. Este último apresentou “um espetáculo oferecido aos escolares do Cabo, no palco do Núcleo General Barbosa Lima, do SESI, com as peças: *O Boato*, de Pelópidas Soares, e *Chapeusinho* (sic) *Vermelho*, adaptação de Vilmar Mayrink”, de acordo com o *Jornal do Commercio* (23 de novembro 1949). Pouco depois, o Teatrinho de Bonecos de Catende veio ao Recife, para sessão no Clube Internacional.

Também em novembro de 1949, o Recife recebeu a visita do escritor Joracy Camargo – o célebre autor de *Deus Lhe Pague*, uma das peças mais encenadas e traduzidas da dramaturgia brasileira – que, junto ao compositor Haeckel Tavares, trouxe ao Teatro de Emergência Almare, para única sessão, segundo anúncio publicado no *Jornal do Commercio* (3 de novembro de 1949), “um espetáculo inédito que empolga, diverte e ensina”, *Cidade Maravilhosa*, apresentado das 17 às 19 horas. A montagem propunha “um passeio pitoresco e engraçado pelo rio de todos os tempos ilustrado com as mais lindas canções na interpretação do cantor negro Edson Lopes”, conforme o mesmo jornal. Em excursão nacional, a peça integrava a Caravana Visitando a Família, que contava com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro e da Campanha



Nacional de Alfabetização de Adultos. Era uma forma de estimular o desenvolvimento da arte dramática, segundo Joracy Camargo, que teve esta ideia enquanto preparava um livro de teatro destinado às festas de encerramento do ano letivo nas escolas. No Recife, o escritor também palestrou no salão nobre do Gabinete Português de Leitura.

Vale lembrar que Joracy Camargo figura como um dos primeiros autores brasileiros do teatro para crianças a apostar numa maior teatralidade em seus trabalhos, com “dramaturgia menos acadêmica e cheia de humor e crítica social”, como atesta o pesquisador Dudu Sandroni no livro \ revelando ainda:

Em 1937, a convite da Comissão de Teatro Nacional, do Ministério da Educação e Saúde, [Joracy Camargo] fez uma importante conferência naquela instituição, analisando historicamente o Teatro Brasileiro, onde dedicava particular atenção ao Teatro Infantil, e fazia elaborada proposta de construção do “Teatro da Criança”, nos moldes do que ele conhecera na então União Soviética.

Naquele momento, como provavelmente não deve ter visto maiores progressos de sua ideia no segmento da infância, sua atenção estava voltada à educação cultural de adultos.